

SER ESCOTEIRO É...

SÉRIE



3

VOLUME

O SISTEMA DE PATRULHAS
Cap. Roland E. Phillipps

Esta é mais uma publicação

TAFARA

Série Ser Escoteiro É...

Volume 3

O SISTEMA DE PATRULHAS

Autor: Cap. Roland E. Phillipps

1a. Edição: 2000 exemplares

Edição: Tania Ayres Farinon e Carlos Alberto F. de Moura

Capa: Carlos Alberto F. de Moura

Coordenação: Mario Henrique P. Farinon

Digitação: Tania Ayres Farinon

"PUBLICAÇÃO NÃO OFICIAL OU AUTORIZADA PELA UEB"

Porto Alegre, RS, 2002

EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003

Diretoria	Mario Henrique Peters Farinon
Diretoria	David Crusius
Diretoria	Márcio Sequeira da Silva
Diretoria	Ronei Castilhos da Silva
Diretoria	Oswaldo Osmar Schorn Correa

EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006

Diretoria	Ronei de Castilhos da Silva
Diretoria	Neivinha Rieth
Diretoria	Waldir Sthalschmidt
Diretoria	Paulo Roberto da Silva Santos
Diretoria	Leandro Balardin

COMITÊ GESTOR

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon

APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado **TAFARA CAMP**, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão “disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil”.

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo **TAFARA** para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que **TAFARA** se propõe a produzir, tanto serão originais como os Mapas de Especialidades, de Etapas Escoteiro, de Etapas Senior e de Planejamento, já editados pela Loja Escoteira Nacional, como também, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por **TAFARA** é feito de forma independente. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição reproduz o original. Em respeito ao autor não fizemos qualquer adaptação ou atualização dos aspectos do programa que já são diferentes. Na divergência entre o conteúdo deste livro e o P.O.R. e o Manual do Escotista - Ramo Escoteiro, considerar como válido estes últimos.

A publicação desta obra foi possível graças ao desprendimento, iniciativa e patrocínio dos grupos escoteiros, empresas e dirigente identificados no final deste livro.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Boa Atividade.

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS

O SISTEMA DE PATRULHAS

Cap. Roland E. Phillipps

Sumário

APRESENTAÇÃO	2
I O SISTEMA DE PATRULHAS	4
II O MONITOR E O SUBMONITOR	5
III COMO PODE O MONITOR DIRIGIR?	7
IV QUANDO DEVE O MONITOR DIRIGIR ?	10
V OS PRIVILÉGIOS DO MONITOR	12
VI A CORTE DE HONRA	14
VII O ESPÍRITO DA PATRULHA	17
VIII A DISCIPLINA DA PATRULHA	20
IX A INSTRUÇÃO DA PATRULHA NAS PROVAS DE SEGUNDA CLASSE	23
X A INSTRUÇÃO DA PATRULHA NAS ESPECIALIDADES	25
XI O CONSELHO DE PATRULHA	27
XII COMPETIÇÕES DE PATRULHA	29
XIII A PATRULHA NOS JOGOS	34
XIV AS BOAS AÇÕES DE PATRULHA	36
XV AS VISITAS ENTRE PATRULHAS	38
XVI A PATRULHA NO ACAMPAMENTO	40
XVII DIFICULDADES	42
XVIII COMO INICIAR UMA TROPA PELO SISTEMA DE PATRULHAS	44



CAPÍTULO I

O SISTEMA DE PATRULHAS

“Em todos os casos, com um passo decisivo para o sucesso, recomendaria muitíssimo o uso do Sistema de Patrulhas, isto é, a formação de pequenos grupos permanentes, cada um sob a responsabilidade de um rapaz encarregado da chefia”.

As palavras acima citadas se encontram nas páginas iniciais da primeira edição do livro “Scouting for Boys” (Escotismo para Rapazes), publicada em 1908, num “Preâmbulo” para os instrutores.

Desde então muitas coisas têm acontecido, sendo que uma das mais surpreendentes foi o grande número de edições deste livro de Baden-Powell. E se alguém abrir a última edição, encontrará as seguintes palavras: - “Geralmente o Escotismo é praticado por um par de Escoteiros, e às vezes por um Escoteiro sozinho; se um número maior se junta para pô-lo em prática, chama-se a isto uma Patrulha”.

Devemos atribuir à idéia fundamental contida nos dois trechos citados a maior parte do êxito obtido em seu trabalho pelos Chefes Escoteiros de todas as regiões do país.

As páginas que se seguem são dedicadas a uma exposição simples e prática de alguns dos processo mais elementares e mais aconselháveis de aplicar o Sistema de Patrulhas a qualquer Tropa. É necessário frisar, desde já, que o Sistema de Patrulhas não é apenas um método pelo qual o Escotismo possa ser posto em prática, mas que, na verdade, é o único método possível para praticar o Escotismo de B-P.

O Sistema de Patrulhas pode ser adotado e utilizado em maior ou menor grau, mas o essencial é que existam os pequenos grupos permanentes sob a responsabilidade de um rapaz encarregado da chefia, e que estes grupos estejam organizados como Patrulhas Escoteiras.



CAPÍTULO II

O MONITOR E O SUBMONITOR

Eis aí uma Patrulha, constituída de seis, sete ou oito rapazes. Como tem que ser uma unidade para o trabalho, os jogos, a disciplina, o acampamento e as boas ações, é essencial que um Escoteiro capaz seja designado para dirigi-la. Por capaz não se subentende que seja inteligentes e esperto; significa que deve ser capaz de dirigir.

As qualidades de chefia são parcialmente naturais e parcialmente adquiridas. As qualidades naturais são importantes porque um rapaz, ainda que seja excelente, não pode, na verdade, ter êxito como chefe se não possuir algo daquela qualidade característica – o magnetismo pessoal – que atrai seus companheiros para o trabalho e para os jogos. As qualidades adquiridas podem ser rapidamente desenvolvidas, sob o Sistema de Patrulhas, pelo adestramento escoteiro comum.

Se um rapaz está para ser designado como monitor, é muito importante que sua idade não seja uma desvantagem contra si. Isto não significa que um rapaz de doze anos não possa ser um chefe tão bom quanto um rapaz de dezesseis ou dezoito, mas quer dizer que, normalmente, um menino não é capaz de chefiar rapazes mais velhos, a não ser que seja realmente excepcional.

Os rapazes mais jovens seguem um mais velho, mesmo que este seja pouco inteligente e tolo. Os rapazes mais velhos não seguem um mais jovem, ainda que este seja esperto e inteligente. Nessas situações os músculos têm, em geral, uma influência muito mais convincente do que o cérebro. Os rapazes respeitam os biceps e não estão interessados em Frenologia, isto é, no estudo das funções intelectuais humanas.

Mesmo admitindo que o Monitor indicado possua na justa medida as qualidades naturais, e admitindo também que provavelmente

irá conseguir em pouco tempo as qualidades adquiridas, ainda assim a chefia de uma Patrulha é tarefa tão importante que não se deve esperar de nenhum rapaz que consiga realizá-la sozinho. Uma segunda pessoa – O Submonitor – deve, portanto, ser designado para ajudá-lo.

O Submonitor é um rapaz escolhido pelo Monitor, da Patrulha para ser seu assistente e para, na sua ausência, tomar conta da Patrulha. Para que a Patrulha seja bem organizada é essencial que o Monitor e o Submonitor se mantenham sempre em íntima cooperação. É por esta razão que cometem um erro inicial os Chefes Escoteiros que escolhem submonitores sem consultar os Monitores, erro esse que talvez seja impossível corrigir depois.

O Chefe Escoteiro poderá conversar com o monitor sobre quem deveria ser o seu submonitor, mas, se não o convencer com os seus argumentos, não usará da força de seus poderes para designar um Submonitor contra os desejos do Monitor. O Fundador do movimento sempre foi favorável a deixar a seleção do Submonitor inteiramente nas mãos do Monitor, dando-lhe liberdade de cometer seus próprios erros, se quiser cometê-los.





CAPÍTULO III

COMO PODE O MONITOR DIRIGIR?

Freqüentemente se ouve um Chefe Escoteiro dizer: “Designei meus Monitores tal como o Fundador desejava, mas, a não ser teoricamente, eles não são capazes de dirigir suas Patrulhas em coisa nenhuma. Na prática eu é que tenho de assumir a chefia”.

A resposta para essa queixa é a seguinte: A principal função do Chefe Escoteiro no Movimento é fazer com que seus Monitores sejam capazes de dirigir suas patrulhas.

Costuma-se dizer – Saber é poder! – e isto é uma verdade absoluta quando se trata de rapazes.

Normalmente o garoto que vive enfurnado, comendo os livros como uma traça, é alvo de zombarias e não consegue o respeito de seus companheiros. Mas um rapaz que sabe muito mais que seus camaradas sobre os organismos vivos em geral, sobre as organizações e entidades existentes e sobre todos os fenômenos que ocorrem diante de nós na vida diária, esse tem, só por esse motivo, uma vantagem considerável.

Se for possível, deixe este rapaz ser o Monitor!

E um rapaz como este, se não existe, pode ser criado.

O método usual para criar este tipo de rapaz é: - dar aos Monitores e Submonitores facilidades especiais para que possam aumentar seus conhecimentos gerais sobre todos os assuntos.

O saber só se consegue de uma maneira: - pela experiência.

A experiência pode ser: - ou pessoal, ou adquirida, e esta última, quer dos outros, quer dos livros.

É uma boa coisa ter uma pequena biblioteca de livros técnicos especialmente para o uso dos Monitores e Submonitores. Esta pequena biblioteca não precisa ter mais que uma dúzia de livros.

Nesta dúzia se incluem dois ou três exemplares do

“Escotismo para Rapazes”, dois exemplares de um livro de “Provas de Classe Escoteiro”, e livros sobre Primeiros Socorros, Sinalização, Luta de boxe, Trabalhos mateiros de pioneiria, nós e amarras, etc., como os editados na “Coletânea Gilcraft”. (Coletânea inglesa cujos livros sobre esses assuntos não estão ainda traduzidos e editados em português).

Estes livros não são para ornamentar a prateleira e nunca se deve permitir que fiquem cobertos de poeira. Se os livros estão cheios de pó é porque os cérebros dos monitores também estão empoeirados.

“The Scout”, a revista semanal, deve ser lida por todos os Escoteiros, e “The Scouter”, a revista mensal para chefes, pode também ser comprada e aconselha-se aos monitores que a leiam. (The Scout (O Escoteiro) e The Scouter (O Escotista) são revistas da Associação de Escoteiros da Inglaterra).

Além dos livros, os Monitores e Submonitores devem ter oportunidades especiais para perguntar ao Chefe Escoteiro o que quiserem.

Devem também ter oportunidades especiais para se encontrar com o Chefe Escoteiro, ou procurando-o em sua residência, ou realizando uma vez por semana na sede da tropa uma reunião especial para Monitores e Submonitores, aproveitando a mesma ocasião em que se realiza a Corte de Honra.

O Chefe Escoteiro não precisa ser uma enciclopédia ambulante, mas, sem vaidades tolas, deve reconhecer sua ignorância em muitos assuntos, e dar-se ao trabalho de procurar e consultar as pessoas que sabem.

O Fundador disse que a finalidade de um Chefe Escoteiro não é ensinar pessoalmente tudo aos rapazes de sua tropa, mas, de preferência, por em boa ordem e encaminhar corretamente a ambição de aprender que estes rapazes já possuem.

Recentemente soube que um ótimo Monitor esqueceu o modo de fazer o Nó de Escota e, com receio de ser ridicularizado, não teve coragem bastante para pedir ao seu Chefe Escoteiro que lhe ensinasse de novo aquele nó. Neste caso, se havia algo errado no Monitor, sem dúvida também havia algo de errado na atitude do Chefe Escoteiro.

De um modo geral, devem ser dadas aos Submonitores

as mesmas oportunidades especiais de instrução que se oferecem aos monitores. Um Submonitor não é só um assistente do Monitor para auxiliá-lo na chefia; é também, freqüentemente, um chefe em potencial, um futuro Monitor.

É essencial que os Monitores e Submonitores não fiquem apenas na leitura da teoria do Escotismo e que procurem também praticá-lo. Para isso devem se organizar numa Patrulha especial cujo Monitor será o próprio Chefe Escoteiro (que em vez de ser chamado de Chefe, pode, nestas ocasiões, ser chamado por um nome de guerra escoteiro, Lobo Cinza, por exemplo).

Esta Patrulha pode se dedicar a assuntos especiais, como por exemplo: a preparação das provas de primeira Classe, a organização de Acampamento, a observação da natureza, a Técnica mateira e outros trabalhos práticos ao ar livre, de forma que os monitores estejam, depois, melhor preparados para cuidar de suas próprias Patrulhas.

Finalmente, também é muito importante que o cargo de monitor seja visto, pelo próprio Monitor e pelo seu Chefe Escoteiro, como uma escola de adestramento para uma futura chefia escoteira.





CAPÍTULO IV

QUANDO DEVE O MONITOR DIRIGIR ?

A resposta é simples: - Sempre.

O Monitor dirige nos jogos – como capitão da equipe, sendo a equipe, sempre que possível, a Patrulha.

Dirige no trabalho - freqüentemente ensinando, e na totalidade dos casos, fazendo a superintendência e a inspeção.

Dirige na qualidade de autoridade principal – por ter o privilégio de comparecer às reuniões da Corte de Honra, por ser o presidente do Conselho de Patrulha, e por ser o organizador das provas e dos trabalhos das competições entre os escoteiros da Patrulha.

Sua autoridade pode ser muito mais acentuada se estiver encarregado de apresentar semanalmente o Relatório da Patrulha.

Este relatório, preenchido e assinado pelo Monitor, atesta quais os escoteiros que estiveram presentes ou ausentes nas reuniões e atividades, e qual o adestramento que cada um deles fez em, pelo menos, quatro provas ou assuntos escoteiros; e requer que o Monitor verifique se os membros de sua Patrulha estão cumprindo as regras gerais de higiene e saúde, e de serviço pessoal pela boa ação, que no livro “Escotismo para Rapazes” são amplamente explicadas pelo Fundador.

Além dessas, o Monitor tem muitas maneiras de aumentar a sua autoridade. Uma delas é conhecendo pessoalmente os pais de todos os rapazes de sua Patrulha; outra é sabendo onde trabalham ou estudam os membros de sua Patrulha e conhecendo quais são suas esperanças futuras nestes assuntos e quais as oportunidades que esperam encontrar.

Pode, por outro lado, aumentar sua autoridade apresentando idéias originais e planos cheios de iniciativas que serão entusiasticamente postos em execução pelos seus irmãos escoteiros.

Por exemplo: - O Monitor dos Leões de uma tropa de Londres levou sua Patrulha ao Jardim Zoológico para que os Escoteiros se aperfeiçoassem no grito da patrulha ouvindo o próprio Leão. Outro exemplo – o Monitor de uma Tropa do interior, ouvindo dizer que a estrada estava inundada, saiu uma tarde com sua Patrulha para desentupir o encanamento de águas pluviais da estrada ou limpar o gradil do ralo, removendo assim a causa da inundação.

Um Monitor também pode procurar fazer o melhor pelos Escoteiros de sua Patrulha lendo-lhes bons trechos de livros ou revistas escoteiras cada semana.





CAPÍTULO V OS PRIVILÉGIOS DO MONITOR

Dando-se aos Monitores e Submonitores privilégios especiais, eles terão mais facilidade em afirmar sua autoridade sobre suas Patrulhas.

O Fundador às vezes comparava a posição do Monitor com a do Prefeito Escolar dos Colégios Ingleses. Se levarmos a comparação até muito longe, teremos que reconhecer que a situação do Monitor é mais vantajosa. Mas o ponto especial de identidade que desejamos destacar é: - quando se dá privilégios, se dá autoridade.

Já falamos dos privilégios de comparecer à Corte de Honra, de possuir uma biblioteca especial, de ter fácil acesso ao Chefe Escoteiro, e de exercer uma indiscutível chefia em todos os assuntos referentes ao trabalho e a administração. Será útil agora mencionar um ou dois métodos de fortalecer a posição dos Monitores e Submonitores.

Quando o Chefe Escoteiro pode dispor de tempo, será excelente dedicar uma tarde ou noite à instrução e adestramento dos Monitores e Submonitores. Este encontro pode ser uma vez por semana, uma vez por mês ou mesmo trimestral. Duas ou mais Tropas poderão se combinar para realizar em conjunto desta atividade. Numa vez alguém fará uma palestra sobre Desenho Topográfico e Levantamento do Terreno, noutra um experimentado enfermeiro será o instrutor, e noutra um engenheiro ensinará a construção de pontes. Não há limites no número de palestras úteis e instrutivas que, deste modo, podem ser dadas aos Graduados e que depois serão transmitidas por eles à suas Patrulhas.

Outra forma de desenvolver esta idéia é a levada a efeito nalguns dos maiores Conselhos Locais de cidades. Em Londres, por exemplo, muitos Distritos realizam reuniões trimestrais dos seus Monitores e Submonitores, chamadas às vezes de “Convenções de

Monitores”. O comparecimento médio é de 50 rapazes e os próprios Monitores fazem palestras sobre assuntos de interesse especial para os trabalhos de patrulha. Estas palestras são seguidas por um período em que os ouvintes fazem perguntas ao orador, estabelecendo-se animada discussão. Um Comissário ou um Chefe Escoteiro habitualmente preside a reunião, mas o secretário é um Monitor que redige as atas e envia, para as secretarias das Cortes de Honra das várias Tropas que estão tomando parte, as notícias e conclusões da reunião.

Em Tropas bem organizadas, com alguns anos de atividade, é com freqüência considerada uma ótima atividade realizar um acampamento especial de fim de semana para Monitores e Submonitores. Muita instrução útil pode ser dada por este meio. Recurso semelhante pode ser adotado para adestrar os Monitores e Submonitores de tropas que estão se iniciando.





CAPÍTULO VI A CORTE DE HONRA

A Corte de Honra pode ser constituída de vários modos, mas, seja qual for a sua composição, uma vez constituída, deve ser o órgão mais importante da tropa.

Desde que o Escotismo começou, muito tem evoluído a Corte de Honra. No princípio era um órgão destinado a decidir sobre punições, a dar recompensas e a tratar de assuntos importantes ligados à continuidade da Tropa. Mas os Chefes Escoteiros julgaram necessário ter, lado a lado com a Corte de Honra, um Conselho de Monitores, ou de Monitores e Submonitores, para cuidar dos assuntos de rotina e resolvê-los. Certo tempo depois a todos pareceu desnecessário ter dois órgãos separados, cujas funções se sobrepunham em grande parte, e que, se reunidos, tornariam mais fácil o governo da tropa. Assim se deu a última e mais útil evolução da Corte de Honra.

A Corte é quase sempre formada pelos Monitores e Submonitores, com o Chefe Escoteiro na presidência. Pode também ser constituída só pelos Monitores, ou por todos os Monitores com alguns Submonitores selecionados, ou então formada por todos os Graduados, com mais alguns Escoteiros especialmente eleitos em cada Patrulha.

Habitualmente é útil ter o Chefe Escoteiro como presidente, mas nalguns casos a presidência é dada a um Monitor, e o Chefe Escoteiro não estará presente. Porém é bom lembrar que mesmo nesses casos o Chefe Escoteiro é o único responsável pela Tropa, perante os pais e o público.

A Corte se reúne para exercer dois poderes: - o poder executivo e o poder judiciário.

Como órgão executivo (o Conselho dos Monitores) deve se reunir semanalmente, mesmo que seja só por cinco minutos para

despachar os assuntos ordinários da Tropa.

Um rapaz é designado secretário e deve fazer as atas.

As atas são lidas e assinadas, e depois, cada Monitor faz um breve relatório das atividades e ocupações de sua Patrulha durante a semana. Se o Monitor não pode comparecer, avisa a seu Submonitor com antecedência, e este faz o relatório. Torna-se desnecessário o relatório verbal se é usado um impresso para Relatório de Patrulha, que poderá ser lido pelo presidente da Corte de Honra fora da reunião.

A seguir, a Corte de Honra trata das questões referentes à próxima semana, competições de Patrulha, acampamento de verão, futebol ou basquetebol, exames de Especialidades, instrução técnica, visitas interpatrulhas, mensalidades da Tropa e muitas outras coisas.

Se o Chefe Escoteiro tem que dar qualquer aviso, deve fazê-lo nesta ocasião, e os monitores poderão informar depois a suas respectivas Patrulhas.

Qualquer membro da Corte de Honra tem o direito de fazer ao Chefe Escoteiro a pergunta que quiser, exceto perguntas que sejam uma quebra da Lei Escoteira.

A livre discussão na Corte de Honra deve ser calorosamente estimulada. Em nenhum outro momento o Chefe Escoteiro tem melhor oportunidade de entrar em contato com os verdadeiros sentimentos e aspirações dos seus rapazes.

Alguns Chefes dizem que suas Patrulhas só se encontram uma noite por semana e que portanto não há tempo para reunir a Corte de Honra. Isto é um erro. Suponhamos que a Tropa se reúna nas terças-feiras das 7,30 às 9 horas da noite. Às 8,50 dá-se o debandar às Patrulhas e todos irão para casa, exceto os Membros da Corte de Honra, que permanecerão na sede. Se procedermos assim, todos os membros da Tropa terão ainda maior consideração pela Corte de Honra.

Mas a Corte de Honra também pode se reunir como poder judiciário.

Sua constituição, para esta finalidade, pode permanecer exatamente igual ou ser ligeiramente alterada. Algumas Corte, quando se reúnem como poder judiciário, formam um espécie de conselho dos mais antigos, composto do Chefe Escoteiro e de dois ou três Monitores especialmente selecionados. Aliás, sempre se deve tomar

cuidado, quando qualquer membro da Tropa está em julgamento, para não haver quebra de hierarquia, convidando a se retirar todo aquele que for mais novo que ele, isto é, o de graduação mais baixa ou mais novo na mesma graduação.

Só quando houver quebra da lei Escoteira a Corte de Honra se reúne como poder judiciário. Portanto numa boa Tropa não deve haver mais que duas ou três reuniões desse tipo por ano. Nas Cortes de Honra de caráter judiciário qualquer veredito deve figurar como decisão global da Corte e seus membros devem fazer ponto de honra em não discutir depois o voto ou a opinião emitidos durante a reunião por qualquer dos membros da Corte.

A maior vantagem da Corte de Honra administrativa ou judiciária é estimular, no mais alto grau, o Sistema de Patrulhas e incrementar o espírito de patrulha. Cada Monitor sabe muito bem que é o responsável pela sua Patrulha, mas só sente com clareza esta responsabilidade no momento em que está numa reunião da Corte de Honra. Naquele instante ele deve não só relatar o que sua Patrulha esta fazendo como também explicar o desleixo, o desinteresse ou a falta de comparecimento de qualquer um dos seus rapazes. Alguém pode perguntar, por exemplo, por que um dos seus escoteiros, que já usa a estrela de um ano de atividade, ainda não ganhou nenhum distintivo de Especialidade, ou nem mesmo a 2ª classe. Alguém pode perguntar se Antônio da Silva, que ontem quebrou o braço, está em casa ou no hospital, e se no hospital, quais os dias de visita.

Será útil para o Chefe Escoteiro que vai começar a usar a Corte de Honra, redigir uma 'Constituição' simples, definindo e regulamentando os poderes e deveres da Corte, que, lida e aprovada na primeira reunião, será transcrita no livro de atas. Não será prudente dar à Corte o poder de expulsar um Escoteiro, exceto se os Monitores são rapazes mais velhos, com compreensão perfeita dos objetivos e ideais do movimento. Se ficar consignado que o Chefe Escoteiro tem o poder de veto sobre qualquer decisão da Corte, é quase certo que ele nunca deverá usá-lo.



CAPÍTULO VII

O ESPÍRITO DA PATRULHA

Os capítulos anteriores trataram de um só assunto – como colocar o Monitor em posição de poder dirigir sua Patrulha.

Mas o Chefe Escoteiro e o Monitor devem, além disso, fazer tudo o que for possível para criar e incrementar o Espírito de patrulha.

O espírito de Patrulha significa que cada rapaz da Patrulha se sente como uma parte essencial de uma unidade autônoma, completa e perfeita – a Patrulha – um órgão em que cada membro deve bem cumprir sua parte para que se consiga atingir a perfeição do todo.

Quando, ao fazer a Promessa, um rapaz se torna Escoteiro, é o seu futuro Monitor quem o traz à presença do Chefe Escoteiro. Até que faça sua Promessa ele não pode, teoricamente, pertencer a uma Patrulha, porque uma Patrulha só contém Escoteiros e ele ainda não é um Escoteiro. Mas feita a Promessa logo a seguir ele entra na Patrulha, torna-se um membro dela.

O “Escotismo para rapazes” estabelece que, depois da cerimônia da investidura, “o novo Escoteiro e seu Monitor marcham de volta à sua Patrulha”. Em lugar de ser simplesmente um rapaz, o novo Escoteiro torna-se agora um Elefante, um crocodilo, um pica-pau ou um cuco. E deve não só ser um cuco, como também aprender imediatamente os hábitos de um cuco.

Principia aprendendo o seu grito ou pio, que é a maneira de chamar de sua Patrulha – o seu chamado de patrulha.

Deve saber imitá-lo bem e de maneira suficientemente audível, de modo a ser ouvido e reconhecido numa floresta, à distância de mais ou menos 50 metros.

O Chamado da Patrulha é para ser usado e deve ser usado com a maior frequência possível. O Fundador estava procurando

acentuar a importância de ser Cuco quando disse: “Nenhum Escoteiro tem o direito de imitar o chamado de nenhuma Patrulha, exceto o da sua”. A idéia geral é que um Lobo está mentindo quando finge que é um cordeiro, e também que, a honra de um Escoteiro merece crédito, mesmo que ele seja uma Raposa.

Após ter aprendido o Chamado de Patrulha o novo Escoteiro deve aprender os hábitos do animal símbolo da sua Patrulha. Aprenderá a assinar o seu nome como membro da Patrulha, isto é, precisará saber desenhar de maneira esquemática a figura que é o emblema de sua Patrulha. Tudo quanto indicamos são apenas meios elementares de conseguir o Espírito de Patrulha, mas em Escotismo as coisas insignificantes nunca devem ser ignoradas e desprezadas.

O Fundador recomendou também que cada patrulha tivesse o seu lema, inventado se possível pelos próprios rapazes. A Patrulha dos Buldogues, por exemplo, pode ter como lema: “Violentos, mas sinceros”. As Rãs podem escolher: “antes coaxar que cochichar”.

Outra maneira de fazer com que a Patrulha adquira personalidade é dando uma parte da sede para seu uso particular.

Algumas Tropas são tão afortunadas que podem ter cada Patrulha trabalhando numa sala diferente. Normalmente no entanto a Tropa tem apenas uma sala para seu uso, e neste caso é bom entregar a cada Patrulha um canto ou uma parte da sala. Quando uma Águia chega à sede da Tropa numa noite de reunião geral, vai direto para o “Ninho das Águias”, nome que pode ter o seu Canto de Patrulha. Uma raposa pode ir para a “Terra da Raposa” e um leão para a “Caverna dos Leões.”

Se a sede pertencer aos próprios rapazes, cada canto poderá ser decorado de maneira apropriada. Provavelmente as Patrulhas irão por cabides para os chapéus e casacos e uma grade para enfiar os bastões.

Alguém fará a objeção de que algumas salas são tão pequenas que é impossível dar uma parte para cada Patrulha. Então a sala é inadequada para ser a sede de uma Tropa. Mas o Chefe Escoteiro pode evitar isso limitando o número de seus rapazes ao tamanho das acomodações que dispõe para adestrá-los em Escotismo. Na verdade não há razões que obriguem as Patrulhas a se reunirem todas na mesma noite. Duas podem se reunir nas terças e sextas e as outras duas nas segundas e quintas. A Tropa inteira

neste caso se reúne apenas nas tardes de sábado e, possivelmente, nos domingos para as cerimônias religiosas.





CAPÍTULO VIII

A DISCIPLINA DA PATRULHA

A disciplina da Patrulha é uma questão de instrução da patrulha, e o melhor é fixar desde já um bom método de levar a efeito uma reunião geral de Tropa.

Se a Tropa se reúne das 8 horas às 9,30 h, é essencial e absolutamente indispensável que o Chefe Escoteiro ou o seu Assistente esteja na sede precisamente às 8 horas ou antes da 8, exceto se, por ter sido assim combinado, os Monitores estejam pessoalmente encarregados de toda a atividade.

È também essencial que cada Monitor seja rigorosamente pontual. Se a um Monitor não for possível chegar na hora, por trabalhar até tarde ou por outro qualquer motivo, seu Submonitor deve ser antecipadamente avisado para que o substitua até a sua chegada.

Às 8 horas em ponto o Chefe Escoteiro dá a ordem de “Formar”.

Cada Monitor corre para o lugar que lhe é destinado e põe em forma sua Patrulha. Cada Patrulha deve estar formada e em posição de “Alerta” dentro de 12 segundos no máximo, contados desde a ordem dada pelo Chefe Escoteiro.

Para formar sua Patrulha o Monitor pode comandar “Patrulha da Garça, formar” ou simplesmente “Garças”, ou dar o grito ou pio que é o chamado da Patrulha, ou qualquer outra coisa que os rapazes possam ouvir e compreender. O Monitor da Patrulha dos Castores de uma certa Tropa costumava bater palmas e coçar a orelha direita para “formar”, coçava a orelha esquerda para “Debandar” e atrás da cabeça para “Meia volta”.

O Monitor fica sempre numa posição de onde possa melhor fiscalizar sua Patrulha.

As Patrulhas estão formadas em linha de uma fileira. O

Chefe Escoteiro, parado próximo ao centro da sala, dá uma série de apitos curtos, significando “ Concentração circular”.

Cada Monitor dá então as seguintes ordens a sua Patrulha: primeiro, “Alerta”, depois, “direita ou esquerda, volver”. A Patrulha segue em marche-marche atrás do Monitor, em coluna por um, em direção do Chefe Escoteiro, de modo que os Escoteiros fiquem como os raios de uma roda em torno do eixo, que é o Chefe Escoteiro. Enquanto correm, as Patrulhas podem dar os seus gritos ou chamados de patrulha, mas, a não ser que estejam ao ar livre, não há necessidade disso.

Os Monitores param a uns 4 passos do Chefe Escoteiro que dá então alguma instrução ou aviso sobre o programa desta noite.

Após as preces (conforme o costume) e depois de saudar a Bandeira, o Chefe Escoteiro inspecionará rapidamente as Patrulhas verificando quem está ausente. O Monitor, ou o Submonitor que o substitua, deve justificar os membros de sua Patrulha, e ele, ou o Chefe Escoteiro, anota os ausentes no seu caderno.

A seguir o Chefe Escoteiro dá a ordem: “iniciar as atividades”.

Cada monitor faz a saudação, ordena à sua Patrulha: “Meia volta, volver” e leva-a de volta, em marche-marche, para a parte da sala que pertence à Patrulha. Chegando lá comanda “debandar” e principia então com a instrução que deseja dar à Patrulha.

Deve ficar bem claro que tudo isso que acabamos de descrever não demora mais que 5 minutos , mas a regularidade de sua prática contribui consideravelmente para a boa disciplina de uma reunião escoteira normal.

Ao se esgotar o horário dedicado à reunião o Chefe Escoteiro dá um apito que significa “Alerta”.

Cada Patrulha guarda com a maior rapidez possível todo o material que estiver usando. Os rapazes põem o chapéu e apanham o bastão. Os monitores chamam suas Patrulhas para formar na posição de “Alerta”.

O Chefe Escoteiro comanda “Debandar”.

Cada Monitor manda sua Patrulha fazer “Direita, volver” e a Saudação, para então debandar.

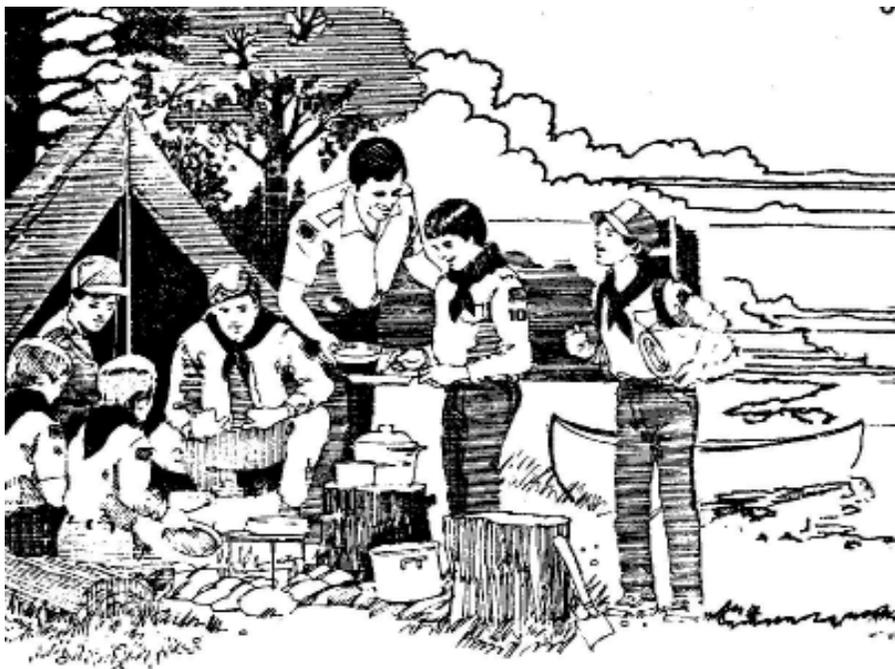
Está encerrada a reunião.

O que acabamos de descrever é apenas um dos

possíveis processos de por em prática, numa sede de Tropa, a mais elementar disciplina do Sistema de Patrulhas. Observem a finalidade do processo: dar responsabilidade ao Monitor e individualidade à Patrulha. O Chefe Escoteiro só deve dar ordens através dos seus Monitores, e nunca diretamente aos escoteiros. Os que dizem que isto não funciona são os que ainda não tentaram experimentar.

Durante o inverno um Distrito de Londres costuma realizar com regularidade palestras sobre a Lei Escoteira. Os 800 escoteiros que comparecem às conferências vão sempre para o auditório separadamente, cada monitor conduzindo sua Patrulha. Desta maneira não há necessidade de interromper o tráfego, pois interromper o tráfego não é positivamente um procedimento que possa ser chamado de “escoteiro”.

O método mais simples de movimentar uma Patrulha é fazê-la marchar em fila indiana com o monitor do lado direito. É bom pôr o Escoteiro menor na frente porque assim, usando seu passo natural, não ficará fatigado.





CAPÍTULO IX

A INSTRUÇÃO DA PATRULHA NAS PROVAS DE SEGUNDA CLASSE

Nas noites de reunião, cada Monitor deve instruir sua própria Patrulha.

Só nas Tropas em formação ou recém-formadas admite-se, como uma exceção, que o Monitor se encarregue pessoalmente da instrução nas provas de Noviço.

Nas Tropas já em pleno funcionamento a instrução do candidato a Escoteiro será feita fora da noite de reunião.

O Submonitor receberá provavelmente instruções do Monitor para visitar o futuro escoteiro e ensinar-lhe, em sua própria casa, as provas necessárias para ser noviço.

Em muitas Tropas o aspirante deve saber estas provas antes mesmo de preencher o pedido de inscrição.

O que naturalmente se espera de um Monitor é que dê à sua Patrulha bastante instrução nas provas de Segunda classe. Mesmo quando todos os escoteiros da patrulha já passaram nestas provas, é preciso estar revendo constantemente o adestramento da segunda classe, e também o adestramento das provas de noviço.

Tornar este trabalho de adestramento interessante deve ser a preocupação e o principal objetivo do Monitor. Deve portanto, para alcançar este objetivo, usar uma grande variedade de atividades e, inteligentemente, não se deter num mesmo assunto por muito mais de meia hora.

Jamais deve iniciar o ensino de qualquer matéria sem dizer em primeiro lugar aos escoteiros para que estão aprendendo isto, qual o objetivo dessa aprendizagem.

Conhecer os 16 pontos da bússola é coisa em si mesmo inútil e desnecessária para alguém que anda e se orienta dentro da sede escoteira! Mas o monitor dirá aos escoteiros para se imaginarem

perdidos nos pântanos de Yorkshire ou na floresta de Epping. Primeiro se imaginarão tendo o sol e um relógio para auxiliá-los; em segundo lugar tendo uma igreja à vista num dia de nevoeiro; em terceiro lugar numa tempestade, tendo uma bússola; em quarto lugar com um céu estrelado e tendo um mapa das constelações; em quinto lugar com um mapa topográfico e o próprio crânio, e assim por diante.

Da mesma forma, o Monitor não começará traçando no quadro-negro, com giz, uma circunferência mal desenhada.

Perguntará primeiro a opinião dos seus escoteiros sobre qual o melhor método para desenhar uma circunferência, chamará alguns para fazer o desenho no quadro e só depois mostrará os 16 pontos da bússola exigidos.

Sobre Primeiros Socorros, antes de começar qualquer instrução prática, conversará com seus rapazes sobre acidentes. Deve mostrar também uma gravura do esqueleto humano ou levá-los a um museu próximo para ver um esqueleto de verdade. Deve ensinar seus escoteiros a transmitir corretamente uma mensagem verbal, pois isso é importante quando se tem de chamar um médico ou uma ambulância para atender a um acidente. Deve procurar descrições interessantes sobre o salvamento de vidas e sobre a prática do socorro de urgência publicados no "The Scout" ou em outros jornais. Neste ou noutros assuntos o monitor não deve ser o único a falar, mas ao contrário, dar aos outros camaradas uma oportunidade para expressar seus pontos de vista, enquanto ele apenas mantém a disciplina da reunião.

Não há espaço neste volume para mencionar o que o Monitor deve fazer em cada uma das provas de segunda classe, mas, se tiver tido previamente as facilidades especiais para aprender, por qualquer dos métodos sugeridos na parte inicial desse livro, o Monitor certamente terá bastante competência para ensiná-las.





CAPITULO X A INSTRUÇÃO DA PATRULHA NAS ESPECIALIDADES

A tarefa do Chefe Escoteiro é muito mais fazer com que seus escoteiros tenham oportunidade de aprender do que ensiná-los diretamente.

Com referência ao Monitor pode se dizer precisamente o mesmo.

Um Monitor um pouco mais velho e mais experimentado quase sempre está em condições de adestrar sua patrulha em pelo menos uma especialidade. Se entretanto não se sente capacitado para isso, pode levar sua patrulha a alguém que seja capaz de instruí-la. Poderá, por exemplo, levar sua patrulha uma vez por semana a alguma piscina ou local próprio para natação, onde aprenderão a nadar com alguém que se prontificou a dar meia hora de adestramento por semana. Igualmente uma tarde por semana poderão ir ao quartel de bombeiros local para receber instruções de um dos membros dessa corporação. Pode levar sua patrulha à casa de uma senhora que combinou ensinar a patrulha a cozinhar. Poderá levar sua patrulha à casa de algum senhor que dará instrução sobre astronomia, jardinagem, carpintaria ou sobre matéria de qualquer outra especialidade

Pode ser também que, ao contrário, o monitor consiga que o instrutor venha à sede da tropa. O instrutor pode ser, enfim, o próprio Chefe Escoteiro.

Não tem importância o fato de duas patrulhas receberem a mesma instrução ao mesmo tempo do mesmo instrutor, se cada patrulha se mantém como uma unidade separada para o estudo e se o Monitor está compenetrado de que é o responsável pela instrução técnica de sua unidade.

As atividades de muitas tropas, especialmente no interior,

ficam grandemente prejudicadas e restringidas pela falta de compreensão do Sistema de Patrulhas. Muitas pessoas, inclusive senhoras, gostariam de ensinar 7 ou 8 escoteiros, mas deixam de oferecer seus serviços por pensarem que terão de ensinar em conjunto uma tropa de 30 rapazes. Sete pessoas numa cozinha pode ser até divertido, mas não há graça nenhuma em ter 30 trabalhando no mesmo local.

Os chefes escoteiros que adotam a patrulha como a unidade para qualquer tipo de adestramento técnico, conseguem um progresso extraordinário em pouco tempo.

Muitas vezes o Fundador recomendou como coisa desejável a especialização das patrulhas. Isto significa que, numa patrulha, os escoteiros todos serão “faz tudo”, noutra todos serão “Ciclistas e numa terceira todos terão a especialidade “pioneiria”. Se toda a patrulha conquistou o mesmo distintivo, este distintivo pode ser colocado na bandeirola de patrulha, o que se torna um incentivo adicional para a especialização das patrulhas.

Além do adestramento coletivo da patrulha numa especialidade, há ainda muitas outras especialidades que podem ser conquistadas pelos rapazes individualmente ou aos pares.

Também nestes casos o Monitor deve auxiliar para que tudo saia bem. As especialidades desse tipo são: músico, naturalista, cavaleiro, guia, intérprete, fotógrafo, etc.

Um Monitor descobre que um dos seus escoteiros toca, de ouvido, um pouco de piano. Conversa com este escoteiro para saber se esta disposto a dedicar um pouco de tempo à aprendizagem da leitura de música. Se houver interesse, o Monitor leva o assunto à Corte de Honra para conseguir alguém que possa ser o Instrutor.





CAPITULO XI O CONSELHO DE PATRULHA

É excelente que cada patrulha tenha seu “Conselho de Patrulha”, constituído por todos os seus membros e sob a presidência do Monitor.

Nalgumas patrulhas há o costume de se reunirem todos, nos domingos, à tarde, na casa de um dos seus membros, para tomarem juntos um chá, um café com leite, um sorvete ou uma merenda. Isto significa que cada um dos membros de uma patrulha de sete escoteiros, de sete em sete domingos convida e recebe em sua casa os seus seis irmãos Ursos.

Após a merenda e antes de voltarem para suas casa ou saírem para algum programa combinado, há uma ótima oportunidade para reunir o Conselho de Patrulhas. Também nos domingos, antes ou depois dos deveres religiosos de cada um, e em outros momentos semelhantes, há ocasiões que podem ser bem aproveitadas para a reunião.

O principal objetivo desse Conselho é por o Monitor em contato com os desejos e aspirações dos escoteiros que dirige, para que possa agir, tanto quanto possível, de acordo com eles. O Monitor tem um lugar na Corte de Honra mais como representante de sua patrulha do que para expressar seus pontos de vista pessoais.

Já foi dito que o Chefe Escoteiro não deve impor sua vontade aos monitores com referência às especialidades que devem ser tiradas; a atitude certa é levar o assunto à decisão da Corte de Honra.

Igualmente, é muito importante que o Monitor não imponha seus desejos à sua patrulha, mas que convide a patrulha a decidir sozinha em que distintivo quer se adestrar. Esta prática acaba trazendo um bom espírito de cooperação.

Praticamente não há limites quanto aos assuntos que

possam ser discutidos num Conselho de Patrulha.

Se há uma competição interpatrulhas em que cada patrulha só pode ser representada por três escoteiros, os três devem ser escolhidos pelo Conselho. Se se pensar em fazer “Boas Ações de Patrulha”, também serão combinadas e decididas em reunião do conselho. Os problemas de comparecimento irregular de um membro, de novos aspirantes, de acampamento da patrulha ou de visitas interpatrulhas, serão aí completamente solucionados. Nalguns casos as patrulhas organizam debates, têm o seu próprio regulamento especial, dirigem sua própria cantina.

Há uma patrulha isolada numa aldeia do norte do país de Galles que conquistou uma excelente reputação devido ao escotismo esforçado e ativo que pratica já há 4 ou 5 anos. Cada patrulha (devemos sempre nos lembrar) é sob muitos aspectos uma patrulha isolada, isto é, uma comunidade autônoma, auto-suficiente e confiante em si mesma, que vai por este mundo afora procurando oportunidades para cumprir o dever para com Deus e a Pátria, ajudar o próximo em qualquer ocasião e obedecer os dez artigos da Lei Escoteira. Mas a patrulha compreende facilmente que é impossível ajudar o próximo em todas as ocasiões se não souber como ajudá-lo, e por isso dedica muito tempo à aquisição de conhecimentos técnicos.





CAPÍTULO XII COMPETIÇÕES DE PATRULHA

O melhor de todos os métodos para incrementar o espírito de patrulha é a realização de competições contínuas entre as várias patrulhas. Por “contínuas” se deve compreender que assim que uma competição termina, a próxima começa.

Em muitas tropas se acha melhor organizar torneios de 6 meses ou de 3 meses do que competições com um ano de duração. Se o período de competição é muito longo as patrulhas que ficam para trás na contagem de pontos tendem a perder o interesse e a se tornarem fracas e negligentes. Por outro lado, quando a competição recomeça 3 ou 4 vezes no ano o interesse e o estímulo sempre se mantêm vivos, e a patrulha que ficou para trás só terá que esperar umas poucas semanas para reiniciar uma nova luta pela supremacia.

A questão mais importante a ser resolvida é – sobre que será a competição.

Se o Chefe Escoteiro decidir esta questão sozinho, verificará depois que a competição de patrulhas nasceu morta. Um Chefe Escoteiro que pensa no que deseja, mas não pensa no que seus rapazes desejam - já dissemos anteriormente – não poderá se queixar ao notar que em sua tropa há falta de entusiasmo escoteiro.

A Corte de Honra é quem deve resolver quais serão os itens e assuntos da competição. Na verdade, onde há uma competição de patrulhas, é indispensável haver uma reunião semanal da Corte de Honra.

As competições de patrulhas obedecem a um princípio geral – dá-se pontos em cada um dos assuntos em, que todas as patrulhas tem igual oportunidade de competir e os pontos são dados de modo que a patrulha mais nova ou fisicamente menor tenha tanta chance de vencer quanto a patrulha mais velha ou fisicamente maior.

A Corte de Honra certamente decidirá por unanimidade dar pontos por comparecimento. Um bom método é dar o máximo de 100 pontos pelo comparecimento integral durante 6 meses, e descontar, por exemplo, 5 pontos por falta de qualquer dos rapazes nas reuniões obrigatórias.

Se a tropa usa o Relatório de Patrulha Semanal, a competição pode ser baseada no sistema de percentagem, pois nesse impresso figura a percentagem de comparecimentos, com a finalidade de se poder comparar o mérito de diversas patrulhas.

Já se mencionou num capítulo anterior que o Chefe Escoteiro ou o Monitor anota os ausentes em cada reunião. Os nomes destes faltosos de cada patrulha são lidos na Corte de Honra e se pergunta ao Monitor se há qualquer razão que justifique a ausência, por exemplo, do escoteiro Barbosa. Se não há justificativa, descontam-se 5 pontos. Se, porém, esta existe, cabe à Corte de Honra julgar se é justa. Um escoteiro deve sempre informar antecipadamente o seu Monitor ou Submonitor, a sua impossibilidade de comparecer, pois só assim, na noite de reunião, o Monitor pode prestar contas de toda a sua patrulha ao Chefe Escoteiro. Se um rapaz tinha uma justificativa aceitável para estar ausente mas deixou de informar antecipadamente o seu Monitor, a Corte de Honra pode resolver que ele perca dois ou três pontos em vez de cinco.

Economiza-se muito tempo na Corte de Honra adotando-se algumas regras gerais sobre as faltas às reuniões. Em Londres, por exemplo, muitas tropas decidiram que o comparecimento às aulas das escolas noturnas se conta como de comparecimento à reunião, desde que o escoteiro tenha notificado com antecedência à Corte de Honra.

Provavelmente a Corte resolverá também dar pontos por Distintivo de Classe ou de especialidade conquistado durante os seis meses. Poderá dar 5 pontos por distintivo conquistado, talvez mais para o de Primeira Classe e o de Escoteiro da Pátria, e talvez apenas 2 pontos para o de Noviço. Apenas como sugestão, convém lembrar que a Corte de Honra dando pontos especiais para determinado distintivo, pode estimular a tropa a esforçar-se mais pelos distintivos que são julgados no mento mais importantes e necessários.

Também podem ser dados pontos para competições em Nós, sinalização, primeiros socorros, fogueira, corrida de

rovezamento, e em qualquer outra prova para obtenção de distintivos. Um bom método para fazer uma competição de nós é entregar um cabo solteiro a cada rapaz, dizer-lhe que segure o cabo nas costas, dar-lhe a ordem de fazer um Lais de Guia. No fim de um minuto finda o “tempo”. A patrulha que fez 7 Lais de Guia conta 7 pontos e a que fez 2 conta 2 pontos.

Uma competição de fogueira pode ser realizada entregando-se uma caixa de fósforos e uma panela a cada patrulha, e dando pontos à patrulha que primeiro apresentar uma xícara de água fervendo. Certa vez um examinador julgava uma prova cujo resultado deveria ser, em vez de água fervendo, um omelete, mas no final se encontrou diante de um enigma indecifrável: “que é um omelete? A única resposta que achou foi: - “Algo que não pode ser confundido com uma panqueca nem com ovos mexidos”

Alguns membros da Corte de Honra podem sugerir que sejam dados pontos por boa apresentação. Os pontos por “Boa apresentação” devem ser bem reduzidos, pois é tarefa difícil e ingrata, para o Chefe Escoteiro ou para quem quer que seja, decidir qual a patrulha que se apresenta melhor.

A “Boa apresentação” no acampamento é mais fácil de ser julgada, e certamente uma competição pode ser feita sobre qual a barraca melhor cuidada.

Convém lembrar que a patrulha melhor apresentada não será certamente a que tem atitude e garbo militar, mas a que está sempre alerta e pronta para agir ou trabalhar. Uma boa patrulha, por exemplo, cumpre todas as ordens em marche-marche.

Numa tropa de rapazes com bom nível cultural é excelente realizar semestralmente uma competição sobre o conteúdo do livro “Escotismo para Rapazes”. Cada patrulha seleciona dois membros para competir. O questionário pode ser dado pelo Comissário Distrital ou seu Assistente para o Ramo Escoteiro.

Talvez seja uma boa idéia realizar uma competição para escolher o melhor ensaio sobre a Lei Escoteira, entendendo-se que ensaio é uma dissertação de algumas páginas estudando e analisando metodicamente vários aspectos do assunto focalizado, se possível sob um ponto de vista original. Ou então uma competição sobre o melhor relatório de atividade ou diário que relate o que fez ou o que sucedeu com a patrulha durante um certo período de tempo, um ou

outro apresentado como um caderno ou pequeno livro escrito num estilo agradável, com fotografias, ilustrações, caricaturas, mapas e uma capa ou encadernação apropriada. Para a competição, cada patrulha enviará um ensaio ou um relatório.

Há uma tropa que tem uma competição em que vence a patrulha que apresentar o melhor acervo de Boas Ações de patrulha. Pode-se pensar, de início, que essa competição tenderia para tornar os rapazes presunçosos, mas, na realidade, se verificou que esse torneio de Boas Ações tem exatamente um efeito posto. Quanto mais não fosse, essa competição tem a vantagem de lembrar aos rapazes as boas ações diárias que devem fazer.

Não há nenhuma razão pela qual devam permanecer sempre os mesmos os assuntos ou provas da Competição. A Competição entre as patrulhas deve ter bastante elasticidade, e seu objetivo deve ser estimular as patrulhas nas suas atividades escoteiras e manter vivo nelas o entusiasmo e o interesse. Os rapazes gostam de competir uns com os outros e dificilmente algum achará que há demasiados assuntos em competição. Nalgumas das melhores tropas verificou-se que a patrulha vencedora habitualmente registra de 500 a 1.000 pontos no fim de uma competição de seis meses.

Perguntarão agora qual será o prêmio da patrulha vencedora.

Alguns Chefes Escoteiros erradamente fazem com que os escoteiros da melhor patrulha usem medalhas ou condecorações especiais. Isto é totalmente contrário ao espírito dos regulamentos da nossa Entidade nacional, e deve ser, definitivamente, evitado. Já existe uma boa quantidade de condecorações e distintivos oficiais para os rapazes que estejam prontos a se esforçarem para a sua obtenção, e não devemos de modo algum estimular o aparecimento de uma multiplicidade de distintivos não oficiais.

Quando os rapazes têm liberdade para decorar e enfeitar as paredes da sede que usam, é uma boa idéia possuir um Quadro de Honra. O nome da patrulha vencedora na competição semestral deve ser posto no Quadro. Possivelmente tendo abaixo, entre parênteses, o nome do Monitor.

Nalguns casos talvez seja bom ter uma taça, troféu, escudo ou bandeirola como prêmio à patrulha vencedora. Através da

cantina podem ser adquiridos estes troféus escoteiros. O Monitor vencedor terá o direito de levar o troféu para sua casa durante uma quinzena, e os demais membros da patrulha durante uma semana, permanecendo na sede da tropa durante as semanas restantes até que termine a competição seguinte.

Outro modo fácil de premiar uma patrulha é dar-lhe o privilégio de conduzir a bandeira da tropa até que outra patrulha a derrote.

Se o Monitor não se mostra vivamente interessado pela vitória de sua patrulha na competição, há algo de errado com ele ou com seu Chefe Escoteiro. O Espírito Escoteiro de um dos dois precisa de tratamento médico.

Um lembrete final: - devem ter reparado que em todo este capítulo usamos a palavra “pontos” e não usamos a palavras “notas. Para alguns rapazes a palavra “notas” é desagradável, por ser de uso nitidamente escolar.





CAPÍTULO XIII

A PATRULHA NOS JOGOS

Pode ser que algum Chefe Escoteiro irônico ache supérfluo devotar um capítulo inteiro a este assunto, e diga que o jogo constitui proporcionalmente uma parte insignificante do Escotismo. Sei que alguém responderia a este Chefe Escoteiro mandando-o ler a primeira página do “Escotismo para Rapazes”. Esta resposta só estaria errada porque o primeiro capítulo deste livro não começa na página um, mas nele se encontram estas duas sentenças:

“No Escotismo a instrução deve ser dada, tanto quanto possível, por meio da execução prática, dos jogos e das competições.

Os jogos devem ser organizados de preferência sob a forma de disputas entre equipes, cada patrulha constituindo uma equipe, e de modo tal que cada menino participe do jogo e nenhum fique simplesmente assistindo”.

“Os jogos, portanto, constituem uma parte realmente importante do adestramento escoteiro. O próprio Escotismo pode ser descrito como “o maior de todos os jogos”.

Convém, no entanto, lembrar que, nos grandes jogos ou nos pequenos jogos, nos jogos de sede ou nos jogos ao ar livre, num torneio de músculos ou num torneio de inteligência, o essencial é que a patrulha constitua a unidade em jogo, e que ninguém fique como espectador.

Muitos dos esplêndidos jogos que os escoteiros devem jogar não mais precisam ser inventados porque o próprio Fundador já escreveu um livro sobre este assunto, livro que cada Chefe Escoteiro deve possuir. Além disso todas as partes do Adestramento Escoteiro podem ser transformadas em jogos. O capítulo anterior sobre competições de patrulhas explicou, em linhas gerais, como isto pode ser feito.

O Chefe Escoteiro deve usar sua imaginação, mas, se for pouco imaginativo, poderá usar a imaginação dos seus rapazes. Suas próprias idéias podem se esgotar, mas, após dois anos de escotismo, as idéias dos rapazes serão tão férteis quanto as dele o eram no início.

Em determinada tropa há certos momentos da reunião geral em que qualquer dos rapazes tem o direito de fingir que precisa urgentemente de Primeiros Socorros. Repentinamente um corre gritando que suas roupas “estão pegando fogo”. Ou então “tem um ataque epilético” ou “rola uma escada até a rua”. O “caso” é encarado com seriedade e o rapaz recebe realmente o tratamento adequado ao acidente.. Um rapaz que “sofre queimaduras por ter derramado um chaleira no tórax”, foi considerado em estado grave e teve de ser transportado de maca para casa, ficando proibido de comparecer à próxima reunião! Muitos escoteiros foram visitá-lo em casa para saber como ia passando e o Chefe mostrou-se aborrecido porque seus pais não permitiam seu internamento num hospital!

A sinalização , a natação, a orientação, o jogo do Kim e muitas outras coisas também podem ser ensinadas por este método imaginativo.

O resultado que se obtém em fazer todos os jogos tendo como equipe a patrulha é, não só incrementar o espírito de patrulha, como também dar ao monitor um conhecimento mais exato e minucioso das várias habilidades de todos os escoteiros de sua patrulha.





CAPÍTULO XIV

AS BOAS AÇÕES DE PATRULHA

Um dia alguém perguntou a um monitor que usava um distintivo de “sapateiro” porque conquistara tal especialidade. O rapaz, um escoteiro de Londres, explicou que os membros de sua patrulha não tinham recursos para pagar as passagens dos veículos que teriam que tomar para, nos sábados à tarde, fazerem excursões pelo campo, nos arredores da cidade, e que também alguns pais não deixariam que fossem a pé, por que isto gastaria as solas dos sapatos. Em face desta situação ele achou que a solução seria aprender a consertar sapatos e dedicar uma noite por mês para auxiliar deste modo os escoteiros de sua patrulha.

O objetivo do sistema de distintivos de especialidades e, sem dúvida, não só fazer com que o rapaz se esforce para conquistar o distintivo, e realmente consiga conquistá-lo, como também fazer com que uma vez conquistada a especialidade, o rapaz utilize os conhecimentos adquiridos com a maior frequência possível.

Um escoteiro com a especialidade de “Primeiros socorros” deve na realidade cuidar dos ferimentos e dos resfriados de todos os rapazes com quem lida. Um escoteiro com a especialidade de “Enfermeiro” tem o direito de fazer o trabalho de um enfermeiro, e isto é uma grande honra.

Em alguns distritos foi organizado um plano de serviço para os escoteiros enfermeiros, em combinação com uma Sociedade de Proteção aos Cegos. Uma patrulha tem o encargo de cuidar de um cego, ajudando-o por dois ou três meses. Isto quer dizer que semanalmente dois diferentes escoteiros da patrulha são selecionados para visitar o “caso” que está sendo ajudado. Os rapazes entram pela casa rindo, procuram rir durante todo o tempo em que lá estiverem, levam às vezes, um toca-discos, levam livros

para cegos, em caracteres Braille, emprestados por alguma instituição, e procuram ser tão úteis e agradáveis quanto seja possível.

É uma grande coisa ter uma patrulha que realmente, durante o ano inteiro, procura fazer Boas Ações coletivas deste gênero. Muito se obtém fazendo os escoteiros compreenderem o que o Fundador estava sugerindo ao dizer que os escoteiros deveriam ser como os Cavaleiros Andantes de outrora, que iam pelo mundo procurando fazer boas ações. Esses Cavaleiros do passado salvaram donzelas em perigo, amarradas numa árvore no meio de uma clareira silvestre ou encadeadas na borda de um precipício... O moderno cavaleiro de joelhos nus sabe que a donzela em perigo é uma velha de oitenta anos que mora num sótão e que perdeu a vista – mas que, ainda assim, vale a pena ser um Cavaleiro moderno!

Na verdade não há razão que impeça uma boa patrulha de fazer continuamente Boas ações coletivas, porque isso é igualmente possível quer no campo, quer na cidade. Numa vila do interior os escoteiros sempre podem ajudar um casal de velhinhos, visitando-os e auxiliando-os a capinar o jardim ou a consertar as cadeiras. Nas cidades há grande número de instituições de caridade capazes de arranjar qualquer quantidade de serviços de beneficência para serem feitos por escoteiros voluntários.





CAPÍTULO XV

AS VISITAS ENTRE PATRULHAS

É de importância fundamental que cada patrulha tenha alguma coisa que justifique a sua existência; ela deve saber para que e por que existe. (Para que e por que existe, isto é: - a posição da patrulha como grupo pertencente ao escotismo, à sociedade e ao mundo; os princípios e ideais que possui, mantém e defende; a força, valor, sabedoria, habilidades e significado da patrulha como unidade coletiva; e os objetivos e a meta que a patrulha procura alcançar com esforço e perseverança).

Todas as patrulhas de nossa Pátria existem para cumprir as dez Leis Escoteiras, mas também devem existir como uma unidade capaz de fazer algum trabalho coletivo de utilidade. Foi por esta razão que o Fundador recomendou a especialização de Patrulha.

Uma patrulha pode ser um pelotão de Primeiros Socorros, ou capaz de construir uma ponte, ou um destacamento móvel de ciclistas, ou uma sociedade de naturalistas, ou uma corporação de hábeis artesãos ou uma equipe de cozinheiros. Também pode ser um grupo de cantores negros, um bando de palhaços, ou uma tribo indígena que apresenta suas danças guerreiras.

Se cada uma das patrulhas consegue fazer alguma coisa deste gênero, o Chefe Escoteiro não terá dificuldades em organizar um espetáculo de sucesso em benefício das finanças da tropa.

Nas reuniões do Conselho de Patrulha devem ser revistos de vez em quando os trabalhos e atividades que têm realizado, e avaliado com exatidão o que coletivamente são capazes de fazer. Sobre este assunto o melhor dos estímulos para o desenvolvimento das patrulhas são as visitas entre patrulhas.

A idéia básica é a seguinte: - uma noite a patrulha do

Crocodilo do 10º Grupo de Timbutto faz uma visita à sede do 1º Grupo de Kassambara. É uma longa viagem, mas, ao chegar são calorosamente recebidos e solicitados a fazerem uma representação qualquer. Abrem o programa com uma “Dança dos Crocodilos”. Seus hospedeiros fazem então uma demonstração de sinalização e de trabalhos de pioneiria. Os crocodilos respondem mostrando suas habilidades com um simples bastão. Os de casa terminam o programa mostrando um ou dois jogos excelentes que são uma especialidade do 1º de Kassambara. Após os refrescos e doces, os Crocodilos nadam para casa.

Uma semana depois a patrulha do Antílope de Kassambara para a visita da patrulha de Timbutoo. Fazendo demonstrações sobre emendas e costuras de cabos e de ginástica. Os que hospedam mostram como fazer um uniforme para os escoteiros do Saara. Como isto não demora muito, preparam também um jantar para suas visitas, e antes que se retirem juntam-se todos cantando algumas alegres canções.

A finalidade das visitas entre patrulhas é dupla: em primeiro lugar desenvolve bastante a individualidade da patrulha; em segundo lugar aumenta o saber e alarga amplamente a visão das tropas que as praticam.





CAPÍTULO XVI

A PATRULHA NO ACAMPAMENTO

“Nos acampamentos escoteiros as barracas não são armadas formando alinhamentos e ruas como nos acampamentos militares, mas, ao contrário, disseminadas pelo terreno, afastadas 50, 100 ou mais metros umas das outras, e formando como que um grande círculo em torno da barraca do Chefe Escoteiro. Desta forma se mantém cada patrulha como uma unidade separada.

Habitualmente cada patrulha tem sua própria barraca, bem distante de todas as outras, mas ao alcance de um sinal de chamada da barraca do Chefe Escoteiro.

O Monitor pode fazer um abrigo ou armar sua própria barraquinha, dormindo fora, mas, bem junto da barraca da patrulha”.

Para que a patrulha compreenda sua importância como uma unidade autônoma, não há, num ano inteiro de atividades escoteiras, oportunidade mais certa e mais marcante do que o grande acampamento anual, em geral realizado nas férias de verão.

Durante todo o acampamento o Monitor é totalmente responsável pela disciplina e pela organização dos trabalhos e atividades de sua patrulha. No final, a patrulha que se manteve sempre nas melhores condições possíveis quanto à organização e a apresentação, habitualmente recebe algo em reconhecimento do esforço feito.

Um das melhores coisas que podemos fazer é tornar cada patrulha responsável pela sua própria cozinha. Talvez isto seja impraticável no grandes acampamentos, concentrações e Jamborees; mas quando uma tropa passa uns dias sob as lonas num local bem escolhido para um acampamento de tropa, nada funciona melhor do que a cozinha por patrulha. Além disso a cozinha por patrulha evita o aborrecimento de ter que transportar uma pesada carga de material de acampamento.

Quando soa o apito ou o “Chamado” convencional da tropa para as refeições, para os serviços religiosos ou para qualquer reunião, o Monitor põe sua patrulha em forma defronte da barraca da patrulha e depois marcha em fila indiana até o local de concentração, se há um designado, ou vai em marche-marche até o Chefe Escoteiro, onde fazem a “concentração circular” já descrita. A concentração circular pode ser usada constantemente na rotina diária do acampamento.

Num acampamento escoteiro comum, o uso de uma Trompa de Chifre para os toques de chamada é muito mais escoteiro que a corneta, por ser menos ruidosa e menos capaz de perturbar as pessoas que moram nas vizinhanças.

Quando as patrulhas não estão encarregadas de sua própria cozinha, a cozinha geral ficará cada dia sob o encargo de uma patrulha diferente. Outra patrulha será responsável por servir à mesa e uma outra se encarregará do trabalho de manter o acampamento limpo. Todos os trabalhos do acampamento serão feitos pelas patrulhas em rodízio, para que todas consigam durante a semana uma boa experiência nos mais variados encargos que se lhes possa dar.

Nalgumas tropas especialmente adestradas ou que estão próximas dos locais permanentes de acampamentos coletivos, o Chefe Escoteiro pode permitir aos seus Monitores que cada um leve a sua patrulha para acampar sozinha nos fins de semana. É uma atividade excelente mas que deve ser vista como um privilégio especial que o Monitor consegue mostrando antes, em coisas menores, que se pode confiar na sua responsabilidade.





CAPÍTULO XVII DIFICULDADES

É possível que um Chefe Escoteiro, tendo lido todo este volume até aqui, esteja pensando consigo mesmo: "Concordo que o Sistema de Patrulhas é o melhor meio de organizar e dirigir uma Tropa Escoteira, e tenho a certeza de que muitas das melhores Tropas da nossa terra são orientadas segundo as linhas básicas deste sistema, mas, tendo em vista as circunstâncias excepcionais em que me encontro, é totalmente impossível para mim adotar o Adestramento de Patrulhas em minha própria Tropa".

Um Chefe Escoteiro apontará como sendo as suas "circunstâncias excepcionais" as características singulares e especiais dos seus rapazes – ou são excepcionalmente inconstantes ou são surpreendentemente sólidos e imutáveis. Outro falará das residências dos seus rapazes, espalhadas por um grande território e das longas distâncias que devem transpor nas escuras noites de inverno. Um outro Chefe Escoteiro achará que na sua tropa existem dificuldades especiais com respeito aos rapazes mais velhos; outro descobre que sua situação singular decorre dos mais jovens. Ainda outro diz que não pode trabalhar com sua tropa separada em patrulhas porque não possui um assistente para auxiliá-lo; e outro acha que é impossível porque tem esposa e três filhos e tem que trabalhar até tarde no escritório.

Há no entanto um ponto a lembrar: - não há tropa, seja da cidade ou seja do interior, que não melhore cem por cento quando passa a seguir rigorosamente as linhas traçadas pelo Fundador.

É preciso admitir que dificilmente se encontra um só chefe escoteiro em toda a Fraternidade que não seja um homem excepcional, trabalhando com rapazes de características extraordinárias, sob a condições raras e singulares, e com dificuldades especiais, peculiares e nunca vistas. Mas é aí que está

todo o encanto do Escotismo !

O próprio Movimento é, em si mesmo, uma originalidade – uma originalidade de inspiração genial e portanto para que consiga o sucesso é preciso que se utilizem métodos de adestramento e de organização que sejam também especiais, originais e característicos. Tais métodos se encontram resumidos sob o título – “Sistema de Patrulhas”.

Mas aparecerá um outro chefe escoteiro para dizer: - “Creio neste Sistema de Adestramento, mas infelizmente há dois ou três anos que dirijo minha tropa seguindo uma outra orientação, e agora não é possível mudar... Ah! Se eu pudesse começar de novo como seria diferente!...”

De uma vez por todas quero deixar aqui bem claro, livre de qualquer possibilidade de parecer ambíguo ou de ser mal interpretado: - o Sistema de Patrulhas não é um plano teórico e formal, não é uma fórmula rígida e seca, ao contrário, ele surge de uma atitude especial da mente – a crença de que a formação do caráter e a educação do rapaz devem ser desenvolvidos de dentro para fora, e não imposto de fora para dentro.

Na verdade são os próprios rapazes que se transformam e se tornam escoteiros – ninguém mais no mundo poderia fazer neles esta transformação.

O calção curto e a camisa podem ser impostos externamente, mas, só da alma e do coração do rapaz pode surgir e evoluir o Espírito Escoteiro!

Esta atitude mental que caracteriza o Sistema de Patrulhas não demora anos para se produzir em alguém: - surge numa semana ao se reler o “Escotismo para Rapazes”, procurando sentir o livro sob o ponto de vista do rapaz, isto é, como o rapaz o sentiria.

O modo de iniciar o Sistema de Patrulhas numa tropa é: conversar inicialmente com os rapazes sobre a idéia da Patrulha como uma unidade autônoma, e a seguir, sem perda de tempo, instituir a Corte de Honra e a Competição entre Patrulhas como duas características permanentes da Tropa. O desenvolvimento subsequente virá por si só.



CAPÍTULO XVIII

COMO INICIAR UMA TROPA PELO SISTEMA DE PATRULHAS

Quem tiver alguma experiência em Escotismo dará sempre pelo menos três palavras de conselho a um amigo que esteja para iniciar uma Tropa: “Comece com poucos”.

É muitíssimo freqüente começar com um número demasiado grande; dificilmente se vê alguém começar com um número insuficiente.

Em capítulos anteriores mostramos que para se conseguir um completo sucesso com o Sistema de patrulhas há necessidade de dar aos monitores e submonitores maior soma de conhecimentos e de idéias do que as que possuem no momento os rapazes que eles devem dirigir. Os métodos do Sistema de Patrulhas devem ser adotados desde os momentos iniciais.

Suponhamos que o futuro chefe escoteiro promoveu uma reunião dos rapazes de sua localidade ou dos rapazes ligados a uma Igreja, um clube ou uma escola. Deve ter se esforçado para obter um bom orador, possivelmente o seu Comissário Distrital ou algum chefe escoteiro experimentado das vizinhanças, para explicar aos rapazes o que é o Movimento Escoteiro. O futuro chefe também deve falar nesta reunião aos rapazes presentes, informando que iniciará uma tropa dentro de três ou quatro meses. Mas que nesta noite vai anotar os nomes dos que acham que gostariam de se inscrever.

Desta lista selecionará dez ou doze dos rapazes que lhe pareçam mais espertos e começará imediatamente o adestramento dos escolhidos. Depois da primeira quinzena ficará apenas com os oito melhores para continuar o adestramento. Estes oito passarão nas provas de noviço e farão a Promessa Escoteira, conquistando então o direito de usar o uniforme escoteiro.

Nos meses seguintes o Chefe Escoteiro irá adestrá-los nas provas de segunda classe. O tempo necessário para um rapaz tornar-se segunda classe depende da idade, da educação e do ambiente em que vive. Quando se dá aos rapazes uma atenção especial este período durará de quatro a seis meses.

Quando todos já forem segunda classe o chefe escoteiro designará os Monitores e submonitores. Se os oito são todos merecedores de confiança nomeará quatro Monitores e quatro Submonitores. Se isto não for possível nomeará três Monitores e Submonitores e colocará dois outros rapazes como membros das patrulhas. Neste momento o Chefe Escoteiro entrará em comunicação com os rapazes que na reunião inicial deram seus nomes ou então promoverá outra reunião, e só agora realmente organizará as patrulhas e iniciará sua tropa. Se tem três monitores e três submonitores aceitará mais treze e fará três patrulhas de sete. Este efetivo será excelente para o primeiro ano, ainda que em certos casos, especialmente nas cidades, seja difícil deixar de receber um número muito maior.

Como pode ser previsto, o entusiasmo dos rapazes que compareceram à primeira reunião, estará muito diminuída após três ou quatro meses de espera. Deixando de lado, entretanto, a possibilidade sempre existente de se reavivar rapidamente o entusiasmo dos rapazes quando isto for necessário, devemos lembrar que o rapaz que esperou três ou quatro meses e ainda deseja ser escoteiro, constitui a matéria-prima de melhor qualidade para se construir uma tropa forte, capaz de formar uma boa tradição.

Em um bom número de casos o futuro Chefe Escoteiro julgará que são quase esmagadora as razões contrárias a um começo com apenas um punhado de rapazes. Ainda nestes casos se deve fazer a mesma recomendação anterior: - “Comece com poucos” – e se deve catequizar desde o princípio o Chefe Escoteiro para convencê-lo a dar facilidades especiais para os seus monitores e submonitores. Em nenhuma hipótese os monitores e submonitores devem ser nomeados antes que os rapazes tenham passado nas provas de noviço. Sempre que for possível, as nomeações devem ser transferidas até que os rapazes se tornem escoteiros de segunda classe. Possivelmente isto se aplicará mais no interior do que nas cidades.

Antes de nomear um monitor o chefe escoteiro dirá sempre ao rapaz exatamente o que se espera dele, não só na tropa, como também na Fraternidade Escoteira, pois o Comissário Nacional, sendo o Escoteiro-Chefe, muito espera do trabalho e da responsabilidade de todos os monitores do Movimento. Seria um grande erro nomear um rapaz que de antemão se sabe não ser suficientemente esperto nem estar preparado para desempenhar o seu cargo.

Resumindo, o método aconselhado para se iniciar um tropa é em essência o seguinte: dar aos Monitores e submonitores oportunidades para que fiquem sempre muito adiante dos outros rapazes, quer em conhecimentos escoteiros, quer em experiência prática de escotismo.

Desejo terminar este livro com as mesmas palavras iniciais, as palavras do Fundador na primeira edição do “Escotismo para Rapazes”:

“Em todos os casos, como um passo decisivo para o sucesso, recomendaria muitíssimo o uso do Sistema de Patrulhas, isto é, a formação de pequenos grupos permanentes, cada um sob a responsabilidade de um rapaz encarregado da Chefia”.



UMA PALAVRA AOS MONITORES (Baden Powell)

Quero que vocês, monitores, entrem em ação e adestrem suas patrulhas inteiramente sozinhos e a sua moda, porque para vocês é perfeitamente possível pegar cada rapaz da patrulha e fazer dele um bom camarada, um verdadeiro homem. De nada vale ter um ou dois rapazes admiráveis e o resto prestando para nada. Vocês devem procurar fazê-los todos positivamente bons.

Para conseguir isso a coisa mais importante é o próprio exemplo, porque, o que vocês fizerem, os seus escoteiros também farão.

Mostrem a todos eles que vocês sabem obedecer as ordens dadas, sejam elas ordens verbais, ou sejam regras que estejam escritas ou impressas; e que vocês cumprem ordens, esteja ou não o Chefe Escoteiro presente. Mostrem que conseguem conquistar distintivos de especialidades, e, com um pouco de persuasão, os seus rapazes seguirão o seu exemplo.

Mas lembrem-se que vocês devem **guiá-los** e não **empurrá-los**.

Esta publicação foi possível graças ao apoio de:

21º/RS G. E. CRUZEIRO DO SUL
30º/RS G. E. HUMAITÁ-SUL
36º/RS G. E. IGUASSÚ
37º/RS G. E. SILVA PAES
47º/RS G. E. TUPANCIGUARA
61º/RS G. E. TABAJARA
65º/RS G. E. CIRETAMA
96º/RS G. E. ANHANGUERA
100º/RS G. E. MEDIANEIRA
173º/RS G. E. HARMONIA
175º/RS G. E. MATE AMARGO
209º/RS G. E. 20 DE SETEMBRO
262º/RS G. E. DO AR URUGUAIANA
NEIDA TEREZINHA LIMA DE OLIVEIRA
BRESSIANI TECNOLOGIA LTDA
PISONI AR CONDICIONADO LTDA



PISONI AR CONDICIONADO LTDA

SERVIÇOS DE INSTALAÇÕES, CONSERTOS
MANUTENÇÃO E DUTOS
ELÉTRICA EM GERAL

Alberto Pisoni Celular: 9985.2272





PUBLICADO POR UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL